

Mahmoud Darwich, o poeta da Nação Palestina



“Uma terra sem povo para um povo sem terra.”

Estranho *slogan* esse, que compôs, na década 40 do século passado, a base da argumentação dos promotores da criação do Estado de Israel. A terra “sem povo”, a Palestina, era então habitada por cerca de 2 milhões de pessoas, das quais apenas um terço era de judeus. Mesmo desse terço, 80% haviam imigrado nos dez anos anteriores.

A densidade demográfica de tal “terra desabitada” (50 habitantes por km²) já era, na década referida, superior ao dobro da atual densidade brasileira (22 habitantes por km²), computada apenas a população palestina.

Eis aí uma das inúmeras fraudes que compõem a versão da história apresentada ao mundo por Israel.

Outras duas grandes mistificações: em 1948, os palestinos teriam abandonado voluntariamente suas aldeias, enquanto Israel era atacado por cinco exércitos árabes, imensamente mais poderosos que as heróicas mas precárias forças de defesa do novo Estado hebreu.

Embora a comparação seja dolorosa, para os judeus, esse uso intensivo da propaganda adotado por Israel como instrumento para subverter a verdade factual incorpora métodos preconizados pelo ministro nazista Joseph Goebbels, segundo o qual uma mentira repetida intensamente ganha foros de verdade.

Foi necessária cuidadosa pesquisa de intelectuais judeus, a maioria israelenses, como Avi Shlaim, Ilan Pappé, Lev Grinberg, Tom Segev, Ahron Bregman e Norman Finkelstein (este último norte-americano), para promover uma revisão na historiografia oficial. Extraíndo informações de documentos liberados pelo governo e de anotações pessoais de líderes sionistas da época da formação de Israel, como o herói nacional Ben Gurion, os pesquisadores foram gradualmente descontruindo versões fantasiosas, não sem pesados ônus pessoais. Ilan Pappé, por exemplo, professor da Universidade de Haifa, foi acusado de traidor e praticamente compulsado a se exilar, e hoje leciona na Universidade de Exeter, na Grã Bretanha. Finkelstein foi também afastado da Universidade DePaul, de Chicago, onde exercia o magistério, e impedido de entrar em Israel, em 2008, quando já desembarcara no aeroporto de Tel Aviv.

Das pesquisas desses historiadores, verifica-se que:

- a Grã-Bretanha, potência que ocupou a região durante a maior parte da primeira metade do século XX, sempre atuou contra o estabelecimento de um Estado palestino e a favor do Estado judeu;
- por ocasião da guerra de 1948, a vantagem militar era a favor de Israel, tanto em recursos humanos como em armas, enquanto os exércitos árabes atuaram divididos, sem um comando centralizado, o que comprometeu irremediavelmente sua ação no campo de batalha;
- a intransigência na busca da paz tem sido muito mais forte do lado de Israel do que dos árabes; e

• longe de abandonarem voluntariamente suas aldeias, centenas de milhares de palestinos foram expulsos com violência, em ações que se caracterizaram por sistemáticos casos de massacres, tortura e estupros, em criminosos processos de limpeza étnica, o que nos remete novamente à comparação com os métodos nazistas. Essas operações eram realizadas por grupos de terroristas judeus, comandados por homens que viriam a se tornar líderes políticos de Israel, como o próprio Ben Guriion, Yitshak Rabin, Menachem Begin e muitos outros.

A tragédia humana desencadeada por Israel contra os palestinos tem sido terrível e recorrente, com os massacres se sucedendo em cadência macabra: Haifa, em 1947, Deir Yassin, em 1948, Kfar Qassim e Qibya, nos anos 50, Samoa, nos anos 1960, aldeias da Galiléia, em 1976, Sabra e Shatilla, em 1982, Kfar Qana, em 1999, Wadi Ara, em 2000, Jenin, em 2002, e Gaza em 2009.

Segundo Pappé (*A limpeza étnica da Palestina*, Oxford: One World Publisher, 2006), o processo de expulsão era de tal forma devastador que muitas aldeias e plantações foram destruídas, antigas mesquitas demolidas e os nomes árabes das localidades trocados por designações hebréias, de maneira a eliminar qualquer vestígio de que aquelas terras haviam pertencido a palestinos.

As táticas terroristas variavam. Disparos de lugares escondidos eram frequentemente dirigidos contra a população palestina, barris cheios de explosivos, lançados nas localidades palestinas e petróleo misturado com combustível era derramado nas estradas e incendiado. Quando as pessoas apavoradas saíam para apagar os incêndios, sucumbiam sob o fogo de metralhadoras. Judeus disfarçados de palestinos levavam carros cheios de explosivos para serem reparados em oficinas palestinas e, em seguida, detonados.

A falácia da tese de que os palestinos invariavelmente sabotam os acordos de paz é desmontada por Robert Malley, um

dos negociadores da equipe do presidente Bill Clinton, em Camp Davis, e ex-assessor de Barak Obama, que demonstra em seu livro *Camp David: a tragédia de erros* (The New York Review of Books, 2000), que o primeiro-ministro israelense Ehud Barak simplesmente não se dispôs a apresentar qualquer proposta concreta sobre o processo de paz, além de impor condições claramente inaceitáveis, enquanto multiplicava os assentamentos judeus em território palestino.

A política expansionista israelense logrou obter o incremento de seu território dos 57% determinados pela ONU, em 1948, aos hoje cerca de 75% do que era a antiga Palestina.

Há aproximadamente sete anos, Lev Grinberg, diretor do Instituto Humphrey de Pesquisa Social, da Universidade Ben Gurion (Israel), perguntava:

“Quem prenderá Ariel Sharon, o grande responsável pelo assassinato de palestinos? Quando ele será qualificado como terrorista? Por quanto tempo vamos continuar ignorando que o objetivo do governo israelense não é a segurança, mas sim a permanente ocupação do território e dominação do povo palestino?”

À pesquisa científica desmistificadora junta-se o grito do poeta nacional palestino Mahmoud Darwich. De sua poesia, surge a denúncia candente da *nakba*, palavra árabe usada para designar a catástrofe que se abateu sobre o povo palestino a partir da criação de Israel.

Um misto de guerrilheiro, líder político, jornalista e escritor, Darwich nasceu em 13 de março de 1941, em al-Birwa, uma pequena vila da Galiléia, com cerca de 1.000 habitantes, uma das 300 que foram destruídas pelo exército israelense, em 1948. Sua família fugira para o Líbano dias antes da chegada das tropas. Morreu de problemas cardíacos na cidade de Houston (EUA), em 9 de outubro de 2008.

Engajado na defesa de seu povo, Darwich militou em diversas organizações, do Partido Comunista de Israel (Rakah) à

Organização para Libertação da Palestina (OLP), onde foi assessor próximo de Yasser Arafat. Escreveu regularmente em diversas publicações e foi um dos redatores da Declaração de Independência, aprovada em 1988, pelo Conselho Nacional Palestino. Afastou-se de Arafat a partir da assinatura do acordo de Oslo, em 1993, por entender que seus pontos principais tinham um sentido de capitulação.

Os versos do poeta exprimem com ardor a indignação de um povo expropriado de sua terra, massacrado e mantido humilhado no exílio ou em guetos miseráveis. Pregam a revolta, mas também a esperança, cantam a pátria e a solidariedade internacionalista. Escrito na prisão, seu poema mais famoso, *Carteira de identidade*, de 1964, denunciava a obrigatoriedade do preenchimento de um absurdo formulário, criado pelo governo de Israel para possibilitar o controle da movimentação dos palestinos. Os versos transformaram-se num vigoroso hino do orgulho palestino de ser árabe.

Sued Lima

CARTEIRA DE IDENTIDADE

Registra-me!
sou árabe
número de minha identidade é cinqüenta mil
tenho oito filhos
e o nono... virá logo depois do verão!
vais te irritar por acaso?

Registra-me!
sou árabe
trabalho com meus companheiros de luta
em uma pedreira

MAHMOUD DARWICH

tenho oito filhos
arranco pedras
o pão, as roupas, os cadernos
e não venho mendigar em tua porta
e não me dobro
diante das lajes de teu umbral
vais te irritar por acaso?

Registra-me!
sou árabe
meu nome é muito comum
e sou paciente
em um país que ferve de cólera
minhas raízes...
fixadas antes do nascimento dos tempos
antes da eclosão dos séculos
antes dos ciprestes e oliveiras
antes do crescimento vegetal
meu pai... da família do arado
e não dos senhores do Nujub¹
e meu avô era camponês
sem árvore genealógica
minha casa
uma cabana de guarda
de canas e ramagens
satisfeito com minha condição
meu nome é muito comum

Registra-me
sou árabe
sou árabe
cabelos... negros
olhos... castanhos
sinais particulares

um kuffiah² e uma faixa na cabeça
as palmas ásperas como rochas
arranharam as mãos que estreitam
e amo acima de tudo
o azeite de oliva e o tomilho
meu endereço
sou de um povoado perdido... esquecido
de ruas sem nome
e todos os seus homens... no campo e na pedreira
amam o comunismo
vais te irritar por acaso?

Registra-me
sou árabe
tu me despojaste dos vinhedos de meus antepassados
e da terra que cultivava
com meus filhos
e não os deixastes
nem a nossos descendentes
mais que estes seixos
que nosso governo tomará também
como se diz
vamos!
escreve
bem no alto da primeira página
que não odeio os homens
que eu não agrido ninguém
mas... se me esfomeiam
como a carne de quem me despoja
e cuidado... cuida-te
de minha fome
e minha cólera.

MAHMOUD DARWICH

CONFISSÃO DE UM TERRORISTA!

Ocuparam minha pátria
Expulsaram meu povo
Anularam minha identidade
E me chamaram de terrorista

Confiscaram minha propriedade
Arrancaram meu pomar
Demoliram minha casa
E me chamaram de terrorista

Legislaram leis fascistas
Praticaram odiada apartheid
Destruíram, dividiram, humilharam
E me chamaram de terrorista

Assassinaram minhas alegrias,
Seqüestraram minhas esperanças,
Algemaram meus sonhos,
Quando recusei todas as barbáries

Eles... mataram um terrorista!

CHAMADA DA TUMBA

Em memória do massacre de Kafr Kassem

I
Minha morte aconteceu há oito anos
Tenho a mesma idade de meu pai
Chamamos a todos os viventes
A todos os que querem viver por muito tempo
Sobre a terra
Não debaixo dela

A todos os que querem
Que o trigo madure em seu campo
Semear e colher
Que a massa fermente em seus lares
Fazer o pão e comê-lo
Nós lhes pedimos: não durmam
Se querem viver por muito tempo
Sobre a terra
Não debaixo dela
Montem guarda... aqui o sol é de barro e miséria
Nossa idade se conta em anos de morte
Minha morte aconteceu há oito anos
Tenho a mesma idade de meu pai

II

Dizemos-lhes
Não queremos sobre nossas tumbas
Nem água nem flores
Nada está vivo aqui
Apenas os casulos de víbora e os vermes
Dizemos-lhes
Não queremos roupas de luto
Não há na tumba outra cor
Que a preta
Dizemos-lhes
Não queremos canções tristes
Intermináveis
Dormimos aqui
E nosso retorno é impossível
Dizemos-lhes
Cantem pela terra que permanece
Rebelem-se
Ensinem nossa história sombria
Aos filhos

MAHMOUD DARWICH

A fim de que nosso sangue
Permaneça na bandeira dos criminosos
Como sinal de catástrofe
Pedimos-lhes
Protejam os fracos das balas
Para que os que vivem fiquem salvos
E os que nascerão no futuro
Ainda goteja a fonte do crime
Obstruam-na
E permanecem vigilantes
Prontos para o combate.

ÁRVORE DOS SALMOS

No dia em que minhas palavras forem terra...
Serei um amigo para o perfilhamento do trigo
No dia em que minhas palavras forem ira
Serei amigo das correntes
No dia em que minhas palavras forem pedras
Serei um amigo para represar
No dia em que minhas palavras forem uma rebelião
Serei um amigo para terremotos
No dia em que minhas palavras forem maçãs de sabor amargo
Serei um amigo para o otimismo
Mas quando minhas palavras se transformarem em mel...
Moscas cobrirão
Meus lábios!...

EU SOU DE LÁ

Eu venho de lá e recordo
que nasci como todo mundo nasce, tenho uma mãe
e uma casa com muitas janelas,

tenho irmãos, amigos e uma prisão.
Tenho uma onda marinha que a gaivota arrebatou
tenho uma visão de mim mesmo e uma folha de capim
tenho uma lua passada no auge das palavras
tenho uma comida divina de pássaros e uma oliveira
além da quilha do tempo
atravessei a terra antes que espadas tornassem
os corpos banquetes.

Eu venho dali.

Eu faço o céu retornar à sua mãe
quando por sua mãe o céu chorar,
e eu choro querendo o retorno de uma nuvem
para me conhecer.

Eu aprendi as palavras de tribunais manchados de sangue
de forma a quebrar as regras.

Eu aprendi e desmantelei todas as palavras
para construir uma única: Lar.

A OLIVEIRA FOI UMA VEZ

A oliveira foi uma vez um bosque verde.
Foi, amado, e o ceio
um bosque azul.
Que os fizera mudar esta tarde?
Detiveram a camioneta dos obreiros no meio do caminho.
(Tranquilamente)
Em algum tempo, o meu coração fora um passarinho azul.
Ó ninho do meu amado!
Comigo, brancos de todo os teus panos
foram, meu queridinho...
Que pude lavá-los esta tarde?
Porque eu nada entendo.

Retiveram o caminho dos operários no meio do caminho.

(Tranqüilamente)

E puseram-nos mirando para o Oriente.

(Tranqüilamente)

Todas as minhas coisas tens:

a claridade, a sombra,

o anel de casamento, o que desejar,

o vale de oliveiras e figueiras.

Pula janela, penetrando no teu sonho,

achegar-me-ei junto a ti como todas as noites

e arremessar-te-ei um cravo.

Mas, não me repreendas se demoro um bocado,

pois me detiveram...

O olival estava sempre verde

(Estava, meu amado)

Mas, cinqüenta vítimas

tornaram-no uma poça vermelha à tardinha.

Cinqüenta, meu amado...

Mas, não me repreendas:

Assassinaram-me...

Assassinaram-me...

Assassinaram-me...

NOTAS

¹ Célebre tribo da Arábia.

² Lenço com desenhos quadriculados, usado para cobrir a cabeça e que se tornou símbolo nacional palestino pela liberdade e independência. Originariamente, esse lenço é usado pelos camponeses para proteger a cabeça durante o trabalho no campo.